

## (Des)caminhos para (re)pensar poéticas femininas dissidentes

ERIKA JANE RIBEIRO\*

CARLA CONCEIÇÃO DA SILVA PAIVA\*\*

**Resumo:** Neste artigo, buscamos refletir sobre o fortalecimento de produções artístico-literárias variadas, especialmente produzidas de modo independente, por autoras do Semiárido baiano que se apresentam tanto como espaços de criação coletiva, como veios importantes de resistência, considerando que, por meio delas, mulheres vêm ajuntando-se, a fim de fortalecerem seus processos criativos, mas, sobretudo, para darem dizibilidade às suas experiências enquanto sujeitos políticos diversos, abrigando assim uma pluralidade de existências, territórios, linguagens, temáticas interseccionais, que provocam fissuras nos padrões canônicos e colonizadores.

**Palavras-chave:** Epistemologias dissidentes; Literaturas semiáridas; Saberes locais.

### (De)tours to (re)think dissident feminine poetics

**Abstract:** In this article, we seek to reflect on the strengthening of varied artistic-literary productions, especially produced independently, by authors from the Bahia semi-arid who present themselves both as spaces for collective creation and as important veins of resistance, considering that, through them, women have been coming together in order to strengthen their creative processes, but, above all, to give sayability to their experiences as diverse political subjects, thus sheltering a plurality of existences, territories, languages, intersectional themes, which cause cracks in canonical and colonizing patterns.

**Key words:** Dissident epistemologies; Semi-arid literatures; Local knowledge.



\* **ERIKA JANE RIBEIRO** é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), mestra em Educação, Cultura e Território Semiárido -PPGESA, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. É poeta e atua com outras mulheres poetas do semiárido baiano em *LiterÁridas* e *Vozes-mulheres: além das margens*, colunista colaboradora da *Escritas em Revoada* da revista *Ruído Manifesto*.



\*\* **CARLA CONCEIÇÃO DA SILVA PAIVA** é graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (1998), mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2006) e doutorado em Múltiplos pela Universidade Estadual de Campinas (2014). Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), leciona na graduação em Jornalismo. Pesquisa representações sociais e identidade de gênero, sexualidade e Nordeste no cinema brasileiro e audiovisual.

### **Para começo de conversa**

Antes de iniciar a leitura deste escrito, um aviso: as autoras convocam você, leitor/a a pensar o que seriam (des)caminhos, em uma sociedade que nos convida constantemente a escrever manuais, fazer uso de saberes universais, seguir trilhas traçadas à luz do pensamento cisheteropatriarcal para ter respostas rápidas e definitivas, eficazes, praticamente para tudo. Para nós, essa reflexão é crucial, pois, provavelmente, selecionará um leitor/a mais apressado de outro/a mais disposto/a pensar e/ou desaprender sobre literatura, cânones literários, saberes locais, epistemologias dissidentes e poesia feminina/feminista.

Desaprender é, principalmente, transgredir as ideias que parecem naturalizadas, ou como sugere bell hooks (2019), é “erguer a voz” diante das opressões, expor que as coisas não são como sempre nos contaram que eram. Nesse sentido, desaprender envolve formas outras de ver, escutar, falar, agir e pensar, não considerando apenas uma única maneira de perceber o mundo. Partindo dessas outras formas de ser, sentir e pensar, utilizamos a denominação Semiárido baiano, especificamente para este estudo, tendo em vista que os territórios semiáridos brasileiros são plurais e extravasam os limites dos conceitos unos. Por falar, em “erguer a voz”, como escrever sobre poesia, privilegiando um sentido em detrimento dos demais? Que venha nossa primeira voz:

Grita e ecoa tua voz pelos quatro cantos do mundo  
Emudece agora os senhores que te calaram  
Força que gira o cosmos  
Escritora de orações templárias

Expulsa do paraíso (RABELO, 2019, n.p.)

Nesse trecho inicial do poema “La Bruxa”, da poeta e atriz Yasmin Rabelo, caminhamos com essa mulher que enfrenta o patriarcado e rompe com o silêncio. A manifestação do grito, por meio do modo verbal imperativo afirmativo, convoca e inspira outras mulheres à reação pela voz erguida, a palavra solta, a força de suas existências que se volta contra o patriarcado e seus representantes, os “senhores que te calaram”. Pela materialização do grito, esse manifesto do corpo e do pensamento, que não se anulam e nem se limitam aos enquadramentos das antigas e poderosas epistemologias, marcadas pelo abafamento e anulação das vozes e existências dissidentes, a escrita de Rabelo (2019) também nos permite refletir sobre quais gritos podem ser ouvidos e de quais espaços se é permitido gritar.

Para Spivak (2010)<sup>1</sup>, é crucial questionar “Pode um subalterno falar?”, como forma de refletir sobre a subalternidade imposta às mulheres, sobretudo pobres e negras (p.85). Para as mulheres escritoras e arteiras do Semiárido baiano, caberia indagar “Podem as mulheres semiáridas produzir Literatura?”. Tais questionamentos sacodem também as poeiras da dominação assentadas sobre os lugares destinados às mulheres, bem como sobre os discursos e saberes ditos universais que desenham tais

---

<sup>1</sup> Gayatri Chakravorty Spivak é crítica literária e feminista indiana, autora do texto “Pode um subalterno falar?”, escrito entre 1982 e 1983 e publicado, originalmente, no periódico *Wedge* em 1985, no qual a autora questiona a noção de sujeito e seu desdobramento em um outro subalterno, criada a partir de uma visão ocidental dominante.

lugares. E é, pois, no mover dessas indagações, que podemos refletir sobre as *epistemopoéticas*<sup>2</sup> produzidas para além das designações comportamentais e territoriais e para tanto, convocamos Derrida (2019, p.3) a caminhar e dançar conosco, afinal: “Por que deveria existir um lugar para a mulher? E por que um, um só, um que fosse essencial?”.

De antemão, já sabemos que não venceremos essas imposições universais. Porém, olhar, sentir e escrever sobre a poética de mulheres presentes no Semiárido, sem imposições racionais cartesianas desumanas, ou neutralidade e objetividade eurocêntrica, por si só, de forma crítica, nos conforta, já que esta atitude estética e política está implicada com nossas escolhas de vida acadêmica, nossa presença no/com o mundo, que jamais será neutra, considerando sermos mulheres, negras, nordestinas, periféricas, rurais.

Nossa presença no/com o mundo, vale ressaltar, expõe entrecruzamentos que sinalizam a impossibilidade de uma perspectiva cartesiana, cisheteropatriarcal, que uniformize a existência e sua representação poética. Em outras palavras, leitor/a, indicamos que esta reflexão sobre poéticas femininas presentes no Semiárido foi construída por um olhar epistemológico dissidente que respeita a pluralidade das existências e a diversidade das experiências de potência de vida

---

<sup>2</sup> A partir do que aqui propomos, epistemopoéticas podem ser entendidas como todas as criações poéticas, sejam elas orais ou escritas, que são produzidas para além das regras e estilos ditados pelo Cânone e pela crítica literária branca, elitista e patriarcal, e que carregam em si os saberes, sentidos e vivências subalternizadas pelos discursos e epistemologias dominantes.

criativa artística, ativista, política, subjetiva.

As epistemologias dissidentes contestam a produção do conhecimento, apontando outras passagens e paragens na construção da ciência, mas, especialmente, escancaram como os discursos são permeados por jogos hierárquicos de poder que dominam a produção de saber, os lócus sociais e suas referências, que, por vezes, como no caso da literatura, canônica e tradicional, silencia e descredibiliza a poética de mulheres, induzidas e cooptadas por um universalismo que não contribui para o deslocamento e divulgação de sua produção, impactando, inclusive, no seu reconhecimento enquanto tal. Epistemologias que são dissidentes, sobretudo, por serem produzidas por corpos que trazem a discrepância na sua vivência. Nesse sentido, entendemos que privilégio social e privilégio epistêmico estão diretamente relacionados e foram/são fundamentais na construção de algumas categorias de subalternidade, como poetas mulheres nordestinas, determinando quem pode falar, quem pode produzir, quem pode expandir e quem deve se silenciar.

Para romper com essa lógica de investigação, focamos nos estudos decoloniais, tomando como referência a categoria colonialidade do poder, expandindo-se a outras dimensões e campos, como o saber, o ser, a natureza e o gênero, que, a despeito de sua articulação, costumam ser tratados como áreas diferenciadas, o que levou essa teoria a construir a proposição de que devem ser encontradas formas de recuperar e (re)atualizar o pensamento crítico latino – americano, em linhas críticas e cenários específicos. Para

Silva (2016), os estudos produzidos sob a ótica da decolonialidade do poder devem romper com as dicotomias, as autoridades epistemológicas e arranjos sociais que moldam determinadas ordens institucionais. Especificamente, no Semiárido, ainda segundo esse autor, se quisermos promover giros paradigmáticos, devemos partir da premissa de que “(...) toda iniciativa humana tem origem na emoção, e não na razão, que usamos para regular nossas ações” (SILVA, 2016, p. 22).

Sob a ótica da decolonialidade do poder, examinamos que as produções artísticas e literárias de mulheres que vivem e experienciam o Semiárido, especialmente, construídas de modo independente em sua maioria, confrontam a todo esse arcabouço de normas e conceitos alicerçados no patriarcalismo e sua constante deslegitimação das subjetividades, sobretudo quando essas mulheres produzem em territórios mais afastados dos grandes centros. São criações poético-políticas que promovem fissuras importantes nas tradicionais narrativas e representações em torno do Semiárido, seus sujeitos e produções culturais, construindo assim epistemologias insubmissas e plurais.

É nesse movediço pensar e agir, que as mulheres do Semiárido baiano traçam suas escritas e demais processos criativos, sem fixarem-se aos papéis sociais impostos, nem tampouco às intempéries atreladas aos chãos mais áridos, fazendo da palavra solta um caminhar constante, inclusive invertendo as rotas determinadas, como podemos notar no poema da poeta Ádila Madança:

Faço o caminho inverso  
Da correnteza das águas  
Não é o mar o que eu quero  
É a fundura do poço  
De onde primeiro escorri (MADANÇA,  
2015, n.p.).

Assim como Ádila Madança se permite escolher os caminhos e as águas que lhe movem, elegemos, a partir da poesia das mulheres semiáridas, como descaminhos significativos para a produção deste texto, os estudos sobre dissidência, interseccionalidade, as relações entre visibilidade e dizibilidade, epistemicídio, epistemopoéticas e tantas outras que corroboraram para nossa reflexão sobre o fortalecimento das produções de poetisas nordestinas dissidentes. Mulheres que, nos seus modos de criação coletiva, estão tecendo veios importantes de resistência e por meio delas, outras mulheres vêm ajuntando-se, a fim de fortalecerem seus processos criativos, mas sobretudo para darem dizibilidade às suas experiências. E agora, que chamamos sua atenção leitor/a, vamos seguir, rompendo com as regras e modelos de homogeneização do saber e das existências.

### **(Des)caminhos conceituais à luz das poéticas femininas**

Para que melhor pensemos sobre as várias possibilidades de (des)caminhos que podemos percorrer, ao nos aproximarmos das múltiplas expressões poéticas das mulheres semiáridas, é fundamental que cruzemos e desorganizemos as retidões das linhas segregacionistas que desenham os lugares de visibilidade e dizibilidade, separando opressivamente tanto as produções artístico-literárias, intelectuais, como os próprios sujeitos produtores e seus territórios, dos tais

saberes e discursos legitimados por todo esse arcabouço patriarcalista e eurocêntrico, firmado no pensamento hétero, que “desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos”(WITTIG, 2022, p. 49). Para nós, a visibilidade deve ser lida como a articulação dos conceitos necessários para ver, pensar e compreender uma determinada realidade, enquanto a dizibilidade seria a forma como construímos narrativas acerca dessa realidade, o enunciável, aquilo que falamos sobre nós mesmos. Tanto uma quanto a outra são admiráveis para o pensamento decolonial, uma vez que é por meio do falar e do escrever que dizemos como nos vemos, nos constituímos enquanto sujeitos no mundo.

(...)  
Nesse silêncio intencional  
Nós por nós  
Esse ser tão oprimido  
Somos poetas, na moral  
Seria somente sonho querer que  
nosso movimento seja  
reconhecido?  
Mulheres produzindo arte,  
compartilhando escrevivências  
Fazendo tudo que nos fortaleça  
e que gere nossa própria renda  
Lutamos contra a violência  
Sutilmente ou com muito grito  
Ocupamos os espaços com  
resiliência  
E isso não nos torna agente  
político? (SERTÃOSOL, 2023,  
n.p.)

Pela palavra e voz erguida, as mulheres que escrevem as – e a partir das – suas labutas nos espaços em que vivem, vão traçando outros caminhos possíveis de transmutar a opressão em resistência, questionando as demarcações dos

espaços alcançados e dos negados, como nos mostram os versos da poeta agrocaatingueira SertãoSol, que rompe com as linhas segregacionistas delineadas pelo pensamento dominante e suas mofadas regras e discussões canônicas, nascidas e lapidadas em torno de sua imagem e semelhança. Assim, é preciso estarmos atentas a essas cartografias excludentes se pretendemos embaralhar suas direções e recriar novos (des)caminhos de criação e resistência que combatam os epistemícidios, um processo político-cultural que destrói o conhecimento produzido por grupos subalternizados com o único interesse de mantê-los em relação de subordinação.

Ao abordar o epistemícidio praticado contra o povo negro, seus saberes e linguagens, Carneiro (2005) ressalta que a desqualificação do conhecimento dos sujeitos subjugados é também reprovar suas existências individuais e coletivas. Para essa filósofa e ativista antirracismo, tal inabilitação “(...) destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso o epistemícidio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc.” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

O epistemícidio se destaca em todo o trajeto da história da literatura brasileira, traçado pela caneta do colonialismo em mãos patriarcais. Nesse cenário, a produção literária das mulheres fora continuamente ignorada levando-as a lutarem mais efetivamente contra o poder patriarcal da família e da sociedade, até que pudessem ter suas obras reconhecidas por uma crítica literária completamente machista e elitista. Muitas foram- e ainda são -as

que permaneceram presas às amarras da invisibilidade, apesar da potência de suas escritas e vivências e assim foram movimentando-se às margens, produzindo de modo independente e dissidente.

Segundo hooks (2019, p.55), “encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado –, uma mudança em direção à liberdade”. De tal modo, as mulheres foram criando seus próprios caminhos na produção literária que não precisassem das luminárias e rotas criadas pelo patriarcado, valendo-se de temáticas, estilos e linguagens que se interconectassem às suas existências tão diversas, sem mais seguir manuais ditados pelo cânone, firmando-se como sujeitas de sentir e pensar, pois como bem afirma Luiz Rufino (2021, p. 22), “Assumir a sua linguagem é se relacionar com esferas da existência, da sensibilidade no mundo e com o conhecimento”. Dissidentes desses cânones, as poetas semiáridas declamam suas existências plurais, enquanto constroem outras narrativas de si mesmas e do território em que vivem, interconectadas pelos saberes ancestrais, a linguagem, a mistura dos fazeres artísticos e a consciência política,

Uma mulher parindo a si mesma.  
Debaixo do sol,  
debaixo da sombra da Catingueira.  
Minha placenta me alimenta.  
Eu mesma empurro, eu mesma  
nasço de mim (RABELO, 2021,  
n.p.)

Assim como Yasmin Rabelo, a poeta ribeirinha Hannah Lima também se coloca no centro de sua poética, enquanto mulher que confronta a normatividade e expectativa patriarcal e espalha-se na transitividade de também

não ser como determina o sistema que categoriza suas não-existências. As poetas falam de si e de/para outras tantas mulheres que nelas se percebem, até que se dissolvam em si mesmas:

mulher:  
substância dissolvida.  
dissolvida na maternidade. na  
cobrança acadêmica de ter o tempo  
dos homens. dissolvida na não-  
possibilidade.  
mulher-mãe:  
substância dessexualizada.  
dissolvida na não-possibilidade de  
escolher. (LIMA, 2020, n.p.)

Para Grada Kilomba (2019), o processo de falar sobre si é sempre uma negociação com as/os interlocutoras/es que escutam e autorizam que alguém possa falar. Logo, envolve poderes e aceitação – ou não-, pois “Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que ‘não pertencem’ (KILOMBA, 2019, p. 42-43). Portanto, as mulheres poetas semiáridas escrevem-se e escutam-se em resistência.

Outra rasura que precisamos fazer nesta investigação diz respeito a adoção de uma perspectiva de produção textual de “poéticas femininas” em detrimento do conceito de “poética feminista”. Em primeiro lugar, cabe-nos ressaltar que “(...) a voz feminista não é isenta de crítica nem mesmo dentro de sua própria comunidade.” (BRANDÃO, 2017, p.307). bell hooks (2019), por exemplo, ao analisar a teoria feminista, afirma que a mesma, ainda, se encontra dentro dos muros da universidade e quando isso ocorre acaba se transformando em mais uma forma de elitismo acadêmico. Logo, é essencial

reconhecemos que a utilização da terminologia “feminista” também precisa ser (re)pensada sob a ótica decolonial, especialmente, “(...) se nosso trabalho quiser ter impacto político significativo” (hooks, 2019, p. 97).

Nesse (des)caminhar pelas transgressões de ideias e conceitos naturalizados, também refletimos acerca do uso dos termos poeta ou poetisa, em referência às mulheres que produzem poesia. A opção por uma das denominações carrega em si uma série de discussões e disputas políticas, tendo em vista o aspecto de dominação que perpassa a linguagem, sendo ela também construção totalizante do pensamento hétero, como já apontamos neste texto. A poeta Alice Ruiz ao ser questionada sobre essa tensão, deixa evidente a sua posição política “Se fizerem questão de distinguir os gêneros, os homens que virem poetas”<sup>3</sup>. Como realizar essa classificação neste trabalho? Dando a palavra, mais uma vez, às mulheres que pesquisamos:

Eu sou poeta, preta  
e o meu verso é sem volta.  
Sem rima, sem lamento  
É força constante contra  
o vento da paz  
(...)  
Sou poeta, preta, mulher  
sou inimiga do Estado  
e não peço licença,  
nunca houve esse espaço...  
(SILVA, 2021, p. 32-33)

Na escrita de Milena Silva, percebemos que as relações de gênero, bem como as desigualdades delas advindas, são atravessadas por fenômenos linguísticos

que permeiam desde as escolhas lexicais até as construções discursivas. Quando ela afirma “Sou poeta, preta, mulher/ sou inimiga do Estado”, corrobora ainda, por exemplo, para que enxerguemos outros atravessamentos de gênero com raça e classe e sua situação de subalternidade delimitada e contestada pela expressão “inimiga do Estado”. hooks (2019) nos lembra que pessoas negras são criadas acreditando que existem muitas coisas que não podem ser faladas nos espaços públicos e nem mesmo nos privados, e, a partir dessa percepção, Akotirene (2018) reafirma a impossibilidade epistemológica de promover um estudo decolonial sem a compreensão de que

A interseccionalidade visa dar instrumentabilidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2018, p.14).

Crenshaw (2002, p.177) define a interseccionalidade como um conceito essencial porque “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.” Milena Silva parece reconhecer a existência e o peso dessas diversas camadas opressoras, por isso grita em sua pódica “e o meu verso é sem volta. / Sem rima, sem lamento/É força constante contra/ o vento da paz”, rompendo com os processos de assujeitamento aos quais foi submetida e inventando outros espaços-tempo, que

<sup>3</sup> Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=srHxmpKAj-w>

movimentam um agenciamento coletivo de enunciação.

Consideramos que

Os privilégios de raça, classe, gênero e sexualidade, tanto quanto a marginalização associada a essas mesmas categorias, não são entidades separadas, mas refletem relações de poder interconectadas, de sorte que o meu privilégio está intimamente ligado à sua desvantagem e vice-versa. Dado que esse quadro relacional é interseccional, inexistente escapatória possível. [...], estamos todos situados numa teia de relações que simultaneamente nos privilegia ou penaliza, a depender da posição social de cada pessoa (COLLINS, 2021, p.288).

Então, questione-se leitor/a: qual a sua posição?

### **Veios dissidentes: o que se chama produções artístico-literárias coletivas de semiáridas?**

Para além dos padrões normativos excludentes, que ainda referendam os processos de produção e circulação literária, a criação e compartilhamento de obras literárias variadas e outros produtos culturais, especialmente as produzidas de modo independente por autoras do Semiárido baiano, constituem-se como importantes manifestações dissidentes que acolhem e propagam as vivências e vozes abafadas, não consideradas, pelos agentes discursivos e literários dominantes. Em primeiro lugar, porque essas escritoras, em sua poética, assumem uma posição de enfrentamento quando constroem espaços coletivos de fortalecimento e produção, numa teia que fomenta a ampliação da voz da mulher nos mais variados cenários,

sobretudo no literário e utilizam-se das redes sociais como um aporte importante para a divulgação de seus textos e demais produtos culturais como saraus, mesas redondas, performances, entre outros.

Os espaços coletivos, partilhados por mulheres inseridas no universo artístico-literário, funcionam tanto como fomentadores e democratizadores da leitura como aportes de criação e divulgação das produções literárias, nos mais variados formatos e suportes. É crescente o número de coletivos, confrarias, projetos, agrupamentos de mulheres que têm como caminho principal a literatura produzida por mulheres e as questões de gênero. Entre eles podemos citar o Leia Mulheres<sup>4</sup> que é uma rede de mulheres que leem e debatem obras produzidas por outras mulheres e tem atuação em todo o território nacional, inclusive em locais onde não há políticas de fomento às artes e literatura, nem a presença de livrarias, a exemplo de cidades do Semiárido baiano.

Ao compartilharem suas experiências e anseios, essas mulheres estão criando não só estratégias de fortalecimento e atuação sociopolítica mais ativa, por meio do confronto permanente às limitações impostas pelo sistema dominante, mas também ampliando suas vozes e criando outras representações de si e do meio em que vivem, para além daquelas já delimitadas e sistematizadas pelas epistemologias dominantes. Em entrevista à Revista Ruído Manifesto, a poeta Milena Silva confirma que

---

<sup>4</sup> Os estados, cidades, bem como as mediadoras podem ser consultadas no site do projeto, disponível em <https://leiamulheres.com.br/>

É nesses trabalhos que as vozes se encontram e se fortalecem como uma resposta à concentração de poder e de privilégio masculino na literatura, chegamos com força e com resistência nos espaços, juntas, mostrando a pluralidade do ser mulher no mundo (SILVA, 2022, n.p.).

Para além da ampliação espacial de produção e circulação de produções artístico-literárias coletivas, as poetisas semiáridas desenvolvem uma pluralidade e riqueza enorme de textos poéticos, que transitam por questões sociais, étnicas, políticas, territoriais, mas sempre alicerçadas na discussão das questões de gênero, no exercício de ser mulher numa sociedade construída e dominada pelo patriarcado, que insiste no silenciamento e na invisibilidade das identidades femininas. Sua consciência de coletividade é fortalecida e reafirmada a partir da quebra de vários mitos estabelecidos e alimentados pelo patriarcado, a exemplo da ideia de rivalidade e competição entre as mulheres.

São vozes dissidentes que sentem e dizem de si e dos semiáridos. Dizer e sentir. Dizer e agir em grito, verso, corpo. Dis -si- dente! Assim, confrontando toda a sanha impeditiva do sistema patriarcal que se expande pela academia, o meio cultural e literário, os espaços de tomada de poder, as mulheres encontram na partilha das angústias e de forças resistentes o mote para suas escritas e os enfrentamentos sociais. Tais produções literárias coletivas asseguram o ecoar de suas vozes e vivências, para além das estereotípias de gênero e em torno do Semiárido e dos modelos colonizadores, numa efetiva sororidade literária (PIETRANI, 2020).

Sendo essa voz e escrita dissidentes e afirmadoras das partilhas, é na produção artística-poética que a sororidade literária vai ganhando força e espalhando-se, em metáfora e irmandade, como podemos sentir no trecho que segue, da poeta baiana Ilza Carla Reis:

Os laços que nos unem  
correm nas veias das letras  
dispostas nas telas e nos papéis de  
rascunho.  
A poesia é minha mãe,  
minha irmã  
e minha filha! (REIS, 2018, n.p)

A personificação da poesia que une e irmana é também a potência vibrante que eleva as vozes, mobiliza os corpos políticos-poéticos e vai firmando os novos caminhos de resistência por meio dessa escrita que é acolhimento familiar, mas também mobilização política e social. Diferentemente da suposta sororidade universal, que não considera os atravessamentos de raça, classe, território e propõe uma irmandade e entendimento coletivo de mulheres, sem desigualdades ou fissuras, a sororidade literária, experienciada pelas escritoras semiáridas, carrega em si o empenho pela dizibilidade e visibilidade dessas mulheres sem negligenciar o fato de que as mulheres negras, camponesas, mães, indígenas, trans, trabalhadoras rurais e/ou domésticas são ainda mais subalternizadas e impedidas de manifestarem suas subjetividades que as mulheres brancas e urbanas.

Logo, a sororidade literária transcende as demarcações de gênero, apenas, e constrói-se como resistência aos eixos de subordinação atravessados pelos demais marcadores sociais da diferença, como classe, raça, territorialidade, geração, padrões estéticos, entre outros.

Contrariando as criações divergentes, as práticas dominadoras prestigiadas firmam-se em bases patriarcais colonizadoras que reforçam o pensamento hétero e as epistemologias dominantes que sempre excluíram – e ainda insistem – mulheres, sobretudo negras, indígenas, trans, periféricas, rurais ou cuja sexualidade destoe dos grilhões heteronormativos.

### **Nossas últimas dizibilidades ou considerações nada finais**

Para você leitor/a, que ficou conosco até aqui, revelamos agora que este é um ensaio apenas para muitas outras reflexões. Ainda estamos aprendendo a (des)caminhar a (re)pensar nossas rotas de formação coloniais. Precisamos conversar e estruturar mais os nossos debates e lutas políticas para (re)existirmos. Mas, já apreendemos que quando uma mulher se insurge, todas as demais também são convidadas a revolucionar. Quando as mulheres do Semiárido baiano traçam suas escritas e demais processos criativos, sem fixarem-se aos papéis sociais impostos, surge uma potência criadora de novas epistemologias, que convoca outros corpos para saídas e demandas dissidentes.

Esse movimento é algo potente e merecedor de atenção, porque, ao contrário do que se espera, as epistemologias dissidentes não estão centradas apenas em reparar informações sobre o colonialismo moderno e suas formas de opressão, mas produzir outras formas e espaços de poder que disseminem conhecimentos pelo mundo. Nesse sentido, podemos afirmar que as produções artístico-literárias coletivas de semiáridas são referências que apresentam como principais características a rasura da

hegemonia canônica literária que trancou os caminhos para a diversidade da produção artística brasileira e a potência de vozes necessárias para romper com a violência, a desumanização, o cisheteropatriarcado e a subalternidade.

E agora, pedimos licença para finalizar este texto com a voz de uma de suas autoras - Erika Ribeiro:

Eis a palavra que se lança no  
plenário das mordças,  
Revolta e consciente da sua seiva  
E vai bulindo nos conceitos  
assentados  
Tão impolutos em nossa sala de  
mais ser.  
Eis a palavra que acorda esses  
silêncios enclausurados  
E arrebenta os grilhões do não  
dizer.  
Traz tua voz  
E o grito farto da tua pele esfolada;  
Traz tua história, que a mão do  
homem escreveu  
De um jeito estrábico.  
É a voz do corpo  
Insurgente e não moldado  
Que soergue outros gritos abafados  
E aviva o diverso, antes extirpado  
Daquele livro imponente e  
anulador.  
É a palavra que desperta os  
sentidos  
E já não volta pros porões do  
indizível,  
Que vai à escola sorver a poesia  
Adormecida em cada olho  
E quer bem mais  
Um verso novo de fazer  
Revolução.  
Traz tua palavra! (RIBEIRO,  
2019).

**Referências**

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. (Doutorado em Filosofia da Educação) – FE/USP, São Paulo, 2005.

COLLINS, P.H. **Entrevista com Patricia Hill Collins.** [Entrevista concedida a] Nadya Araújo Guimarães e Louisa Acciari. *Tempo Social*, 33(1), 287-322/323, abril, 2021.

GRENHA, T.; RODRIGUES, C. **“Coreografias”: entrevista com Jacques Derrida**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e50638, 2019.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, H. **Anotações pessoais da autora.** Petrolina, 2020.

MADANÇA, A. **Anotações pessoais da autora.** Juazeiro, 2015.

PIETRANI, A. Um caso de sororidade literária: Narcisa Amália e Amália Figueiroa em jornais e revistas do século XIX. *SOLETRAS*, [S.l.], n. 40, p. 51-71, set. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/51393/34866> Acesso em 10 ago. 2022.

RABELO, Y. **Anotações pessoais da autora.** Petrolina, 2021.

RABELO, Y. **Anotações pessoais da autora.** Petrolina, 2019.

REIS, I. C. **Poemeadura.** Ilhéus, BA: Mondrongo, 2018.

RUFINO, L. Epistemologia na Encruzilhada: Política do conhecimento por Exu. **Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens** [S. l.], v. 2, n. 4, p. 19–30, 2021. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13339> Acesso em 12 nov. 2022.

SERTÃOSOL. **Anotações pessoais da autora.** Quijingue, 2023.

SILVA, J. de S. Prefácio: A dimensão institucional do paradigma cultural. In: REIS, Edmerson dos Santos e PINZOH, Josemar Martins. **O paradigma cultural: interfaces e conexões.** Curitiba-PR: CRV, 2016.

RIBEIRO, E.J. **Vozes femininas na poesia contemporânea: Letramentos de reexistência no Vale do São Francisco.** Dissertação de mestrado, Educação, Cultura e Territórios semiáridos, UNEB, 2019.

SILVA, M. Contraste. In: BATISTA, Raylane Nayara Souza (org.) **Tessituras Narrativas: A produção literária de mulheres negras do Sertão do São Francisco.** 1 ed. Juazeiro-BA: Oxente, 2021.

SILVA, M. Nas marcas da poesia de Milena Silva. [Entrevista concedida a] **Coluna Escritas em Revoada.** Revista Ruído Manifesto, novembro, 2022.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WITTIG, M. **O pensamento hetero e outros ensaios.** Trad. Maira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em 2023-06-13  
Publicado em 2023-12-01